


# **A recepção de intelectuais galeses no Brasil: a formação de um público leitor de Ernest Jones e Raymond Williams em espaços universitários**

**Hiago Malandrin**

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-7521-3452>

hiago.malandrin@gmail.com

## **Introdução**

O artigo procura contribuir para a temática mais geral da produção, circulação e recepção de ideias de intelectuais galeses no Brasil. Para o estudo dos indícios da formação de um público leitor da produção intelectual de autores galeses, apresentaremos como Ernest Jones (1879-1958) e Raymond Williams (1921-1988) alcançam espaços institucionalizados brasileiros, a partir da recepção dos autores no Brasil e da presença de livros em acervos de universidades federais e estaduais.

A escolha de nossos autores reside no fato de ambos serem figuras centrais em seus respectivos campos: Ernest Jones nasceu em Gowerton, País de Gales, em 1879, obtendo sua formação inicial nos colégios galeses *Swansea Grammar School*, *Llandovery College* e na *Cardiff University*, estudando ainda medicina na *University College London*. Enquanto figura no campo da psicanálise, Jones foi discípulo e biógrafo autorizado de Sigmund Freud, presidente da *International Psychoanalytical Association* e detém destaque internacional como responsável por introduzir a psicanálise na Inglaterra e divulgá-la para além do eixo dos estudos psicanalíticos europeus.

Raymond Williams nasceu em Llanvihangel Crucorney, País de Gales, em 1921, estudando no colégio galês *King Henry VIII Grammar School* e posteriormente se graduou no *Trinity College* associado a *University of Cambridge*. Após os anos de formação, Williams destacou-se por sua abrangente produção intelectual sobre o campo da cultura, que veio a fundamentar a base bibliográfica dos estudos culturais e do materialismo cultural.

Sendo este um estudo que tem como princípio a recepção dos autores citados em determinados espaços nacionais, teremos como ponto de partida o ano de 1920, que, como viremos a discutir, corresponde a data dos primeiros usos e referências às obras de Ernest Jones no Brasil. O debate aqui apresentado será dividido em dois momentos: inicialmente, apresentaremos o aporte teórico do estudo apresentado acompanhado da introdução da trajetória intelectual dos autores galeses, abordando especialmente como estes chegaram ao continente americano. Em um segundo momento, apresentaremos o processo de recepção da produção de Jones e Williams no Brasil em conjunto aos dados da presença de obras em universidades brasileiras, nos levando a discutir sobre o indício da existência de um público leitor brasileiro das obras de Jones e Williams diretamente derivado do esforço em recepcioná-los em espaços brasileiros.

Partindo das sínteses mais gerais do historiador e cientista político Benedict Anderson (2008. p. 50), sabemos que, dentro de um determinado espaço nacional, a condição para a organização de grupos e o sentimento comum de conjunto são, ambos, historicamente dependentes da língua, do mercado editorial e, especialmente, da existência de um público leitor das produções textuais que circulam nesse espaço. Derivando diretamente do proposto por Anderson, podemos ampliar seu argumento e assinalar que também é possível identificar a existência de um ou mais públicos leitores em torno de dissertações, teses, artigos e de outros documentos institucionalizados e armazenados em bibliotecas, nos permitindo lançar a hipótese do planejamento e organização de determinadas tradições – nacionais, intelectuais, editoriais – responsáveis por recepcionar autores estrangeiros em função de estudos nacionais. Particularmente para nós, o intrigante será discutir sobre o indício de uma tradição da intelectualidade brasileira responsável por introduzir Ernest Jones e Raymond Williams no Brasil e que aparenta cativar a formação de um público leitor brasileiro do pensamento galês.

Inaugurando a tese de que a circulação transatlântica de ideias refratadas em produções impressas tem importância central na formação de grupos com uma dada convergência identitária, Anderson indica ainda que os membros desse conjunto, ao se identificarem através da comunicação escrita e da língua, organizam-se sob a construção imagética daquilo que autor nomeia de “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008. p.108). Assimilando tal construção ao estudo aqui proposto, iremos apresentar os indícios da presença de uma “comunidade imaginada” estabelecida em torno das obras de Jones e de Williams no cenário brasileiro.

Comunidades imaginadas são, por definição, “entidades sociológicas de uma realidade tão sólida e estável que é possível até descrever os seus membros se cruzando na rua sem nunca se conhecerem, e mesmo assim mantendo ligações entre si” (ANDERSON, 2008. p. 56). Nesse sentido, “(...) um americano nunca vai conhecer, e nem

sequer saber o nome, da imensa maioria de seus 240 milhões de compatriotas (...)”, assim como ele “(...) não tem ideia do que estão fazendo a cada momento. Mas tem plena confiança na atividade constante, anônima e simultânea (...)” de leitura de cada um desses indivíduos (ANDERSON, 2008. pp. 56-57). Nesse contexto, uma comunidade imaginada organizada em torno das obras de Jones e de Williams possui a faculdade de carregar as “ideias sociais” desses dois autores para além de seus espaços de origem, conferindo a elas movimento e corporeidade, sendo que esta noção advém das teses de Siegfried Kracauer, especialmente com a afirmação do autor de que esse sentimento de corpo é produzido e reafirmado pelo próprio grupo de leitores de determinadas produções intelectuais (KRACAUER, 2009. p. 164).

“Comunidade imaginada” e “ideia social” são, deste modo, categorias sociológicas que, quando combinadas, nos possibilitam a identificação e a caracterização da existência de grupos que são, ao mesmo tempo, compostos por indivíduos leitores e portadores das ideias dos autores. A apropriação da categoria de “comunidades imaginadas” nos permite indicar que Jones e Williams parecem estar “presentes no espírito dos leitores oniscientes”, leitores estes que são os agentes – nas palavras de Anderson – que podem se cruzar em um mesmo espaço sem nunca se conhecerem (ANDERSON, 2008. p. 55). E, não precisam se conhecer ou interagir entre si, uma vez que estão ligados uns aos outros ao comporem grupos – nos termos de Kracauer – que dão corporeidade às ideias de Jones e Williams e “suas respectivas circulações” em diferentes espaços nacionais, com destaque para os acervos universitários, como veremos a explicitar (ANDERSON, 2008. pp. 55-56). Esta é, portanto, uma discussão que resulta da circulação transatlântica de impressos, procurando compreender como a presença de títulos desses autores no Brasil resulta na organização de determinadas comunidades de leitores, conferindo, pela atividade da leitura, uma configuração local para aquilo que é estrangeiro.

Anunciada a perspectiva mais geral da discussão, assim com uma síntese da bibliografia base, seguiremos para a apresentação desse “fechamento” sobre espaços nacionais a partir dos itinerários pessoais e de formação intelectual de Jones e Williams que os localizam em diferentes momentos fora do eixo europeu. Referente a Ernest Jones, é preciso dizer que o neuropsiquiatra e psicanalista galês, apesar do reconhecimento mundial como biógrafo de Sigmund Freud, se encontrava inscrito no âmbito da história cultural como responsável por presidir e estabelecer uma série de instituições psicanalíticas tanto no plano da psicanálise europeia quanto fora dele. A história do autor enquanto figura reconhecida na psicanálise mundial tem início com a estadia de pouco mais de quatro anos no Canadá e nos Estados Unidos (1908-1913). Para além do intensivo programa de escrita e produção das primeiras monografias para os principais periódicos de Viena sobre *Hamlet and Oedipus* e *On the Nightmare*, que mais tarde viriam a ser impressos e se tornariam elementos centrais tanto para a literatura psicanalítica quanto para estudos gerais, Jones assumiu também o cargo de professor associado de Psiquiatria na Universidade de Toronto (1911) e participou como co-fundador da *American Psychopathological Association* (1910) e da *American Psychoanalytic Association* (1911), servindo como seu primeiro secretário até 1913, quando retorna para Londres (BURTON, 2015). Após seu retorno, Jones

participou da fundação da *London Psychoanalytical Society* (1913) e de sua reorganização como *British Psychoanalytical Society* (1919), além do *Institute of Psychoanalysis* como uma desdobramento da recém fundada sociedade britânica, sendo o Instituto um meio de prover “facilitações de administração, publicação e treinamento para atender às necessidades da crescente rede de profissionais da Inglaterra” (BURTON, 2015). Jones esteve envolvido ainda na fundação do *International Journal of Psychoanalysis* (1920) e foi presidente da *International Psychoanalytical Association* entre os períodos de 1920 a 1924 e de 1932 a 1949 (BURTON, 2015).

Em relação ao escritor, acadêmico, romancista e crítico galês Raymond Williams, apresentaremos o autor a partir do momento em que este se torna uma figura com projeção para além do espaço europeu. A trajetória do autor enquanto educador e pensador da cultura data do ano de 1946, após pedir baixa do exército no contexto da Segunda Guerra Mundial, quando, além de ser membro-fundador da revista *Politics and Letters* (1946), se tornou tutor de adultos no projeto associativo entre a Universidade de Oxford e a *Workers' Educational Association* em Sussex, permanecendo na educação de adultos até 1961 (PAIXÃO, 2019). Ao longo dos quinze anos de experiência no projeto, Williams também se ocupou de elaborar e publicar obras que passaram a ocupar papel de destaque nos estudos culturais, como *Reading and criticism* (1950), *Drama from Ibsen to Eliot* (1952), *The Long Revolution* (1961) e, principalmente, *Culture and Society* (1958). Importante destacar que foi neste contexto, em função das artes dramáticas, que Williams estabeleceu contato com Jones no momento em que o psicanalista reorganizava seus escritos sobre *Hamlet and Oedipus* – publicado no formato de livro impresso em 1949<sup>1</sup>. Na década de 1960, além de importante membro e nome recorrente nas páginas do periódico inglês *New Left Review*<sup>2</sup>, Williams tornou-se professor de *Reader in Drama* na Universidade de Cambridge, entre 1967 e 1974, sendo também neste período que viaja para os Estados Unidos para ocupar o posto de professor-visitante de *Political Science* na Universidade de Stanford em fins de 1973, experiência que autor apresenta no livro *Television: Technology and Cultural Form* (WILLIAMS, 1992. p. XVI). Ao regressar para Inglaterra, Williams assume como primeiro professor da cadeira de *Drama*, entre 1974 e 1983, também na Universidade de Cambridge.

Embora o estudo apresentado não tencione encaminhar uma análise comparada entre Jones e Williams, nos cabe, contudo, explorar brevemente os pontos de convergência histórica e intelectual entre as biografias apresentadas para cada um dos autores. Como introduzido, Jones e Williams são autores que compartilham trajetórias

---

<sup>1</sup> Acerca da correspondência de Jones e Williams, as fontes primárias encontram-se no *Richard Burton Archives*, na Universidade de Swansea, País de Gales, dentro da seguinte referência: “WWE/2/1/12/2 - Ernest Jones, Hamlet and Oedipus”. Tais fontes fazem parte da pesquisa em andamento MALANDRIN, Hiago Vaccaro. Atlas do pensamento social galês: uma cartografia dos livros de Ernest Jones e Raymond Williams no Brasil e nos Estados Unidos (1920-2020). (Tese em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

<sup>2</sup>A *Brief History of New Left Review 1960–2010*. New Left Review. 2010 Disponível em: <<https://newleftreview.org/pages/history>> Acesso 01 de set. 2022.

pessoais similares ao serem intelectuais galeses que, ao longo de suas formações, seguiram para centros europeus de estudo, sendo, respectivamente, a *University College London* e a *University of Cambridge*. Não apenas em âmbito pessoal existem conexões, uma vez que ambos foram também responsáveis pela fundação e expansão de seus campos de criação, sendo Jones um referencial para a implementação da psicanálise na Grã-Bretanha e Williams figura de destaque na organização dos chamados estudos culturais. Por fim, temos ainda o entrecruzamento que mais se destaca quando estabelecemos paralelos entre as trajetórias pessoais e profissionais de ambos os autores: tanto Ernest Jones quanto Raymond Williams exerceram, respectivamente, papéis associados à psicanálise e à teoria cultural em espaços fora do eixo europeu direcionados a formação acadêmica. O enfoque se dá, em especial, à participação dos autores em universidades estadunidenses, com Jones, em 1911, como Professor Associado na Universidade de Toronto – além da participação central na *American Psychopathological Association* e na *American Psychoanalytic Association* –, e Williams, em 1973, como professor visitante na Universidade de Stanford. Vale ainda lembrar que durante essas estadias nos Estados Unidos os autores preocuparam-se também em voltar esforços a atividade criativa, com Jones elaborando textos que colocavam em diálogo elementos da literatura e das artes com a psicanálise e Williams escrevendo um de seus principais livros sobre as relações entre televisão e cultura de massa.<sup>3</sup>

Delineados, brevemente, os itinerários de nossos autores, incluindo o ponto de encontro de ambos refratado na correspondência em comum, precisamos destacar que, diferentemente do que acontece com escritores das chamadas periferias mundiais – segundo as teses de Pascale Casanova – Jones e Williams não eram estranhos desconhecidos dos seus “centros” (CASANOVA, 2002. p. 63). Ao contrário, ambos construíram seus nomes em localidades inglesas: Londres, Oxford, Cambridge; lugares que compõem um centro europeu<sup>4</sup> do capitalismo cultural e mundial, um centro “exportador de ideias” (MORETTI, 2003. p. 201), do mesmo modo que ambos estiveram presentes também em espaços intelectuais institucionalizados nos Estados Unidos, que vem a ser outro grande centro da ordem internacional do capital, além da Europa.

Partimos da hipótese que Jones e Williams, mesmo sendo galeses e nascidos em uma “periferia europeia” (CASANOVA, 2002. p. 31), construíram suas visões de psicanálise e cultura dentro do cenário inglês e europeu continental, tendo, posteriormente, circuladas transatlanticamente para outras regiões do globo, como comprova-

---

<sup>3</sup> Referente à figura de Williams e sua influência na intelectualidade estadunidense, destacamos o estudo de 2020 que analisa o engajamento do autor em relação aos principais intelectuais de Nova Iorque, ver: Williams (2020).

<sup>4</sup> Ao mencionarmos um centro europeu, “os primeiros a entrar em uma concorrência transnacional” de impressos, evidenciamos a história de autores e livros que, geograficamente próximas ou não desses lugares mais dotados, foram dominadas pela influência europeia. Esse é o caso de nações que permaneceram, numa perspectiva europeia local, sob dominação política, econômica e cultural, como aconteceu com o País de Gales. Quanto ao Brasil, este entra nesta conta das formas de dominação europeia como “herdeiras diretas [...] das nações europeias das quais originaram-se” (CASANOVA, 2002, pp. 161-162).

se presença dos autores no Brasil, pois, ainda que os autores não tenham estado pessoalmente em território nacional, há indícios que justificam a inserção desses autores no pensamento nacional e na fundação ou organização de espaços para suas obras.

Ao falarmos, portanto, sobre a presença de impressos em espaços nacionais precisamos evitar “tanto o eurocentrismo quanto o exotismo” (ABREU; MOLLIER, 2016, p. 09.), e por isso operamos desde o início com a proposta de circulação – e não de uma “dependência cultural” –, pois o que nos interessa não é analisar um fluxo unilateral de ideias e mercadorias vindas da Europa para o Brasil, mas observar o movimento de recepção das obras que compõem este fundo cultural bibliográfico e somam-se àquilo que já estava em debate nos cenários brasileiro. É neste contexto que procuramos analisar e recriar as tentativas de organização de espaços para a presença de obras de Jones e Williams no Brasil, partindo da história da inserção desses autores no país. Ao mencionarmos a organização de bibliotecas, também estamos nos referindo à presença de diferentes materiais bibliográficos que remontam a história desses espaços. Em suma, partimos de uma perspectiva de que a circulação de impressos, delimitada a uma localidade nacional, é também responsável por remontar a história cultural dessa localidade. A história da organização de acervos está inscrita, sob uma perspectiva mais ampla, na história da circulação de impressos citada, que, segundo as teses de Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier, carrega em si uma ideia de “fechamento sobre um território” nacional (ABREU; MOLLIER, 2016, pp. 10-11).

Este problema direciona nossa atenção para duas variáveis: (1) o próprio “fechamento” sobre um determinado território, que serão os espaços nacionais sob os quais construímos a hipótese da formação de um público leitor de Ernest Jones e Raymond Williams; (2) os dados referentes a presença de obras originais e traduzidas desses autores em espaços institucionalizados brasileiros.

## **Sobre a recepção de Ernest Jones e Raymond Williams no Brasil**

Na história do movimento psicanalítico brasileiro encontramos os nomes de Francisco Franco da Rocha (1864-1933) e de Durval Marcondes (1899-1981) como as personalidades responsáveis pelo processo de implementação e difusão da teoria psicanalítica, enquanto campo do conhecimento antes mesmo do início da aplicação da psicanálise em consultórios e da formação teórica e prática de psicanalistas profissionais segundo os critérios estabelecidos pela *International Psychoanalytical Association* (MOKREJS, 1992, p. 34). Geograficamente, a história da Psicanálise no Brasil compartilha momentos entre Rio de Janeiro e São Paulo, como veremos no percurso de Franco da Rocha, que após se formar em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, regressou para São Paulo, fundando em 1898 o Hospital Psiquiátrico do Juqueri, a primeira instituição para o acompanhamento e tratamento de distúrbios psíquicos na cidade.

Embora nunca tenha praticado atividades clínicas, Franco da Rocha foi um expoente para a divulgação da psicanálise freudiana no meio intelectual e acadêmico brasileiro desde seus primeiros anos como professor, quando passou a incluir nas aulas de psiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo, ainda em 1919, proposições psicanalíticas em conjunto a linguagem psiquiátrica e psicológica adotada pela instituição (MOKREJS, 1992, pp. 34-35). Em seus estudos e discursos, Franco da Rocha (1920) procurou veementemente entender como o complexo sexual revela-se e pode ser identificado em todas as “manifestações da atividade psíquica”, elaborando um interesse analítico dessa presença “nas artes, na música, na moda, no romance, na religião, na política e, principalmente, na poesia” (MOKREJS, 1992, pp. 35-36). Propriamente sobre o material bibliográfico utilizado por da Rocha, o autor empregou em seus escritos a produção de Freud e também se utilizou de obras e publicações de Ernest Jones, desfrutando dos textos do psicanalista galês enquanto referências para o debate entre artes e psicanálise para elaborar uma análise da sociedade brasileira da década de 1920 (MOKREJS, 1992, p. 40). Vale comentar ainda que este dado estabelece um diálogo também com a análise mais ampla das relações entre subjetividade, artes e liberdade de expressão presentes no movimento Modernista – herdeiro das leituras freudianas de Oswald de Andrade – desse mesmo período, revelando que no Brasil a situação da psicanálise esteve lado a lado com as Artes desde sua gênese, sendo o campo psicanalítico operado por diferentes frentes (OLIVEIRA, 2007, p. 63).

Durante as aulas na Faculdade de Medicina de São Paulo durante o ano de 1919, Franco da Rocha provocou a curiosidade do então aluno de medicina Durval Marcondes sobre as preposições psicanalíticas freudianas (MOKREJS, 1992, p. 47). Desse primeiro contato, da Rocha acabou por incitar Durval Marcondes a fundar e presidir a Sociedade Brasileira de Psicanálise (1927), que, sediada em São Paulo, foi a primeira sociedade psicanalítica da América Latina. Marcondes é ainda reconhecido por seguir também a carreira universitária, criando os cursos de psicologia, saúde mental e psicanálise da Universidade de São Paulo em fins da década de 1920, inaugurando a proposta do estudo da terapia psicanalítica enquanto campo de pesquisa, estabelecendo contato com Sigmund Freud e Ernest Jones a partir desse momento. Deste contato com Ernest Jones, enfatizamos a troca de correspondências e o cordial pedido feito por Marcondes para que o psicanalista galês enviasse para o Brasil alguém preparado para formar psicanalistas brasileiros, sendo escolhida a psicanalista Adhelehid Koch para vir ao Brasil, em 1936 (HAUDENSCHILD, 2015)

Para além dos primeiros usos da bibliografia de Ernest Jones por Franco da Rocha e o contato com Durval Marcondes, a figura de Ernest Jones, durante seu segundo período como presidente da *International Psychoanalytical Association*, entre 1932 e 1949, também se encontra comprovadamente associada à formação da primeira sociedade brasileira reconhecida pela *International Psychoanalytical Association*, a *Sociedade Psicanalítica de São Paulo*. O psicanalista galês, além da troca de correspondências com parte do grupo fundador da sociedade de São Paulo – originário do Rio de Janeiro –, foi também o responsável por indicar o psicanalista britânico Mark

Burke<sup>5</sup> para ocupar o posto de “psicanalista didata” na sociedade em 1948, a fim de auxiliar no avanço da institucionalização da psicanálise no Brasil. (OLIVEIRA, 2007. p. 22).

Ao longo de sua estadia no Brasil, além de assistir na atribuição do título formal de “Sociedade” a instituição de São Paulo, Burke foi autor da organização de uma biblioteca brasileira orientada à literatura psicanalítica freudiana, com destaque para a presença de obras autorais de Jones e das traduções para a língua inglesa dos livros de Sigmund Freud, em sua grande maioria elaboradas pelo psicanalista galês (OLIVEIRA, 2007. pp. 22-23). Tendo adoecido em novembro de 1953, Mark Burke regressou a Londres, de modo que, dos analistas sob sua responsabilidade no Brasil, parte dirigiu-se a São Paulo, onde o movimento psicanalista encontrava-se em eferescência desde 1920, enquanto outra parcela concluiu a análise em Londres, na *British Psycho-Analytical Society* (OLIVEIRA, 2007. p. 63).

Podemos inferir, portanto, que Ernest Jones esteve diretamente ligado a organização do movimento psicanalítico brasileiro desde a gênese da Psicanálise enquanto disciplina e enquanto campo de pesquisa, ocupando o papel de referência nos primeiros estudos nacionais e sendo a figura central no auxílio e reconhecimento internacional fornecido às instituições psicanalíticas brasileiras. Para nós, interessa ainda mencionar que Jones esteve também associado ao cenário universitário brasileiro, ainda que indiretamente, por meio da divulgação dada ao autor galês por parte de figuras diretamente ligadas ao meio universitário: Franco da Rocha na Faculdade de Medicina de São Paulo e Durval Marcondes na Universidade de São Paulo; além da menção a organização de bibliotecas por partes dos psicanalistas enviados ao país em função da rede de troca de correspondências direta com Ernest Jones.

Antes de nos aprofundarmos na análise de Jones no cenário acadêmico brasileiro, precisamos perpassar também a recepção de Raymond Williams no espaço intelectual nacional. Sobre a figura do crítico galês, é recorrente seu reconhecimento internacional como um referencial para a investigação da questão da cultura em âmbito social, sendo Williams também nomeado como instituidor do campo dos estudos culturais em função da publicação do livro *Culture and Society: 1780-1950*, em 1958, que em conjunto aos títulos *The Uses of Literacy* (1957) de Richard Hoggart e *The Making of the English Working Class* (1963) de Edward P. Thompson, inauguram o referido campo por meio de estudos analíticos da cultura e da sociedade britânica no contexto do segundo pós-guerra. (CEVASCO, 2008, pp. 12-13).

Propriamente sobre *Culture and Society*, vale mencionar que neste livro Williams propõe, para além de outras construções teóricas, o estudo das artes e, em especial da literatura, como um mecanismo potente de análise da sociedade (CEVASCO, 2008, p. 11). A ênfase no livro mencionado de Williams, é central para a recepção do autor galês no Brasil, conforme nos conta Alexandro Paixão (2018. p, 04). Este é um processo inaugurado com a publicação no jornal Folha de São Paulo, em 1968, do texto “A grande tradição do nosso tempo”, escrito por um dos principais representantes do

---

<sup>5</sup> Sobre uma breve revisão da recepção de intelectuais psicanalistas associados ao *International Psychoanalytical Association* no Brasil e seus desdobramentos e implicações na organização de sociedades em São Paulo e no Rio de Janeiro, conferir introdução do artigo de Neto (2014).



movimento da Escola Nova: Anísio Spínola Teixeira. Como contido no interior do texto, a proposta de Anísio Teixeira era desenvolver uma tradição intelectual brasileira dedicada a estudar as relações entre cultura, sociedade e educação no contexto nacional.

Para isso, o projeto principal seria instaurado a partir da releitura do pensamento de Raymond Williams adaptada por Anísio Teixeira, em especial com a escolha em traduzir para o vernáculo o livro *Culture and Society*, sob o selo da Companhia Editora Nacional, traduzido pelo esforço conjunto de Anísio Teixeira em parceria a Leônidas H. B. Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. A tradução do título em questão, lançada em 1969, inaugurou a *Coleção: Cultura, Sociedade e Educação* (CCSE), título escolhido em concordância com a proposta já apresentada no texto publicado na Folha de São Paulo e reeditado para compor as primeiras páginas do primeiro livro de Raymond Williams vertido para a língua portuguesa. O pioneirismo desta tradução e a distribuição da obra de Williams, de acordo com as pretensões de Anísio Teixeira junto a Editora Nacional, estabelece um marco para o processo de aquilatar o repertório intelectual das universidades brasileiras, tendo o autor galês como um paradigma para o estudo das relações entre cultura, história e sociedade (PAIXÃO, 2018. p. 06).

Se destacamos o nome de Anísio Teixeira como a primeira personalidade preocupada em mobilizar esforços para receptionar e localizar Williams no Brasil, precisamos enfatizar o nome da Companhia Editora Nacional como a editora responsável por estabelecer o que seria, anos mais tarde, o início de um longo processo editorial direcionado a traduzir as demais obras de Williams. Dez anos após a tradução de *Cultura e Sociedade* temos a segunda investida em localizar a produção do autor galês no Brasil, com a localização do livro *Marxism and literature* (1977) para o português em 1979, pela Zahar Editores, seguida por uma extensa lista de títulos traduzidos e diferentes editoras que tem como último item a publicação de *Televisão: Tecnologia e forma cultural*, pela parceria entre a Editora Boitempo e Editora PUC-Minas, em 2016.<sup>6</sup> Dentro desse processo, precisamos extrair o nome da Editora Unesp, responsável pela editoração de *Cultura e Materialismo* (2011), *Política do Modernismo* (2011), *A Política e as Letras* (2013), *A Produção Social da Escrita* (2014) e *Recursos da Esperança* (2015), de modo que encontramos, entre os anos de 1979 e 2016, um ganho para a “intelectual nacional”, como diria Anísio Teixeira, com o número crescente de traduções de Raymond Williams circulando no país, em especial por ação de editoras focadas no público acadêmico brasileiro, como a Editora Unesp. (PAIXÃO, 2018. pp. 07-08).

---

<sup>6</sup> As traduções para o vernáculo dos livros de Raymond Williams, em ordem cronológica, são: *Cultura e Sociedade: 1780-1950* (Companhia Editora Nacional, 1969); *Marxismo e Literatura* (Zahar Editores, 1979); *O Campo e a Cidade: na história e na literatura* (Editora Companhia das Letras, 1989); *O povo das montanhas negras* (Editora Companhia das Letras, 1991); *Cultura* (Paz e Terra, 1992); *Tragédia Moderna* (Cosac Naify, 2002); *Palavras-Chave* (Boitempo, 2007); *Drama em Cena* (Cosac Naify, 2010); *Cultura e Sociedade* (Editora Vozes, 2011); *Cultura e Materialismo* (Editora Unesp, 2011); *Política do Modernismo* (Editora Unesp, 2011); *A Política e as Letras* (Editora Unesp, 2013); *A Produção Social da Escrita*, (Editora Unesp, 2014); *Recursos da Esperança* (Editora Unesp, 2015); *Televisão: Tecnologia e forma cultural* (Boitempo & Editora PUC-Minas, 2016).

Para além do processo editorial responsável por estabelecer o contato entre o público universitário e diferentes produções de Williams, encontramos o nome de Maria Elise Cevasco, doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora associada de Estudos Culturais e Literaturas em Língua Inglesa na mesma universidade, como desdobramento da experiência iniciada por Anísio Teixeira de incluir o autor galês no repertório nacional. O movimento ligado à pesquisadora Maria Elisa Cevasco é iniciado com a publicação de seu livro *Para ler Raymond Williams* (2000), como indica Paixão (2018, p. 11). A pesquisadora, partindo de uma leitura particular do pensamento de Williams e suas relações com os estudos culturais, instaura uma nova dinâmica no interior dos espaços acadêmicos brasileiros, conferindo caráter nacional aos “estudos culturais” (PAIXÃO, 2018, p. 11). Outra conexão importante que mobiliza o nome da autora e pesquisadora brasileira, ainda que indiretamente, diz respeito às traduções publicadas pela Editora Unesp. Isto porque, o responsável pelas traduções de *Cultura e Materialismo* (2011), *Política do Modernismo* (2011), *A Política e as Letras* (2013) e *A Produção Social da Escrita* (2014), todas publicadas sob o selo da Editora Unesp, foi André Glaser, aluno e orientando de Cevasco e autor da tese de doutorado “Materialismo cultural”, que, a partir de uma leitura crítica de *Marxismo e Literatura*, procura introduzir o materialismo cultural de Raymond Williams como uma nova teoria da cultura, inscrita no materialismo histórico em diálogo à tradição marxista (GLASER, 2008).

Em sínteses, encontramos que o movimento principiado em 1969 pela ação conjunta de Anísio Teixeira e da Editora Nacional estende-se até os dias de hoje, perpassando desde a influência sobre outras personalidades brasileiras e editoras nacionais em voltar esforços para traduzir, localizar e discutir as obras de Raymond Williams no Brasil, situando o autor galês no pensamento social nacional que discute a questão da cultura como fator central para formação de uma intelectualidade acadêmica (PAIXÃO, 2018, p. 11).

No Brasil, temos que o “fechamento” sobre um determinado território nacional acontece, inicialmente, pela localização de Ernest Jones e Raymond Williams dentro de uma tradição do pensamento brasileiro graças aos esforços de personalidades do meio acadêmico em inseri-los dentro de espaços institucionalizados universitários e psicanalíticos. Afirmamos isso tendo em vista os entrecruzamentos na história da recepção de ambos os autores que os relacionam, portanto, por “duas concepções complementares” (ANDERSON, 2008, p. 56): a sociedade em que circulam e a comunidade de leitores dessa sociedade. Sobre a sociedade, já nos ocupamos de analisar e expor o esforço em situar Jones e Williams no Brasil por indivíduos que, além de serem centrais no debate histórico dos movimentos psicanalítico e cultural brasileiro, eram também leitores dos autores galeses que aqui estamos operando. Nos resta agora apresentar os indícios da formação de públicos leitores de Jones e Williams nos locais comuns em que ambos foram recepcionados inicialmente: as universidades brasileiras.

## Indícios da construção de um público leitor de produções galesas no Brasil

Como evidenciado ao longo da trajetória dos autores, é conhecido que Ernest Jones esteve presente em sociedades de psicanálise e em instituições universitárias, enquanto a presença de Raymond Williams foi confirmada apenas no segundo grupo. Iremos agora ampliar aquilo que previamente fora observado, tratando assim da segunda etapa do processo de “fechamento” sobre um território nacional: os dados numéricos que nos permitem averiguar os indícios da formação de um público leitor de autores galeses no Brasil. Retomando as premissas de Anderson (2008, pp. 54-55), conhecemos que indivíduos comuns têm conhecimento de determinada ideia pela circulação de impressos, pela comunicação escrita e, sobretudo, pela ação da leitura. Juntos, estes indivíduos compõem uma comunidade de leitores – uma comunidade imaginada –, em que os grupos pertencentes a ela, pela ação da leitura, não se aproximam diretamente dos autores galeses que se ocupam de ler, mas organizam-se em torno de suas produções, sendo estes indivíduos “transformados em portadores da própria ideia” dentro de seus respectivos espaços nacionais (ANDERSON, 2008. p. 56).

Quantitativamente, podemos averiguar essa proposta por meio de uma análise de acervos e bibliotecas universitárias brasileiras, procurando mapear o consumo de livros de Jones e Williams como um indício de um público leitor interessado na produção desses autores galeses. Propriamente sobre o recorte direcionado às universidades brasileiros, nos atentaremos nesta seção do texto ao fato de que ambos os autores foram influentes para o cenário universitário desde suas recepções no Brasil: Jones pelos usos e leituras propostos por Franco da Rocha e Durval Marcondes nas aulas de medicina no Rio de Janeiro e em São Paulo, Williams pela inserção na área das humanidades por Anísio Teixeira e, posteriormente, por Maria Elisa Cevasco e André Glaser.

Para a apresentação de um panorama sintético da presença numérica de exemplares dos livros e obras de Ernest Jones e Raymond Williams no Brasil, foi escolhido como procedimento a consulta nos acervos e catálogos universitários, permitindo uma análise do consumo de livros dos autores galeses. Utilizamos-nos do termo “consumo” para designar a aquisição e, portanto, a presença de obras em determinados lugares; isto porque, ausentes os indícios de testemunhos de leitura, podemos avaliar o consumo literário por meio da aquisição de livros (PAIXÃO, 2017, pp. 13-14).

Iniciando por Ernest Jones, o autor carece ainda de um estudo focado na distribuição de sua produção no Brasil, seja nos espaços específicos das sociedades de psicanálise ou universidades em que o autor foi mobilizado, seja em um recorte nacional mais geral. Sabendo da presença verificada de usos do psicanalista galês por Franco da Rocha na Universidade de Medicina do Rio de Janeiro – atualmente pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro – e do contato estabelecido entre Jones e o Durval Marcondes enquanto este encontrava-se associado a Universidade de São

Paulo, adotaremos a exposição dos dados da presença do psicanalista galês em acervos de universidades públicas no ano de 2022, a fim de averiguar como este encontra-se disperso nos espaços responsáveis por sua recepção e inserção no Brasil.

Quadro 1: Distribuição regional de exemplares das produções de Ernest Jones em acervos de Universidades Federais e Estaduais brasileiras (2021).

Região	Acervos consultados	Contém Jones	Número de Exemplares
Sudeste	31	20	475
Sul	20	10	91
Centro-Oeste	12	7	52
Norte	15	7	36
Nordeste	33	15	134

**Fonte:** Produzido pelo autor.

Para a composição do quadro foram selecionados e consultados 111 acervos de universidades públicas brasileiras, compreendendo como recorte as universidades federais e estaduais. Numericamente, a produção de Ernest Jones encontra-se distribuída em 59 acervos, nos permitindo afirmar que o autor circula em pelo menos 50% dos espaços mapeados, mantendo essa proporção também para os dados regionais quando observados de forma isolada. Quanto a totalidade de títulos encontrados, temos notícia da presença de 46 títulos<sup>7</sup>, somando 788 exemplares, compartilhados entre estudos psicanalíticos autorais, participação em títulos de terceiros e, majoritariamente, diferentes edições e traduções de *A vida e obra de Sigmund Freud*. Em questão dos títulos mais frequentes, além da biografia de Freud, que em suas diferentes versões contabilizam 449 exemplares mapeados, temos informação de 65 exemplares de *Hamlet e o complexo de Édipo* e 13 exemplares de *Que é a Psicanálise?*. Para além de livros autorais, é válida ainda a menção a tradução do livro *Developments in*

<sup>7</sup> Dentre os livros autorais de Ernest Jones, encontramos os seguintes títulos: *Da psico-analise: breve introdução ao seu estudo*; *Essays in applied psycho-analysis*; *Free associations: memories of a psycho-analyst*; *Hamlet and Oedipus*; *Hamlet e o complexo de Édipo*; *Hamlet et Oedipe*; *La pesadilla*; *La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud*; *Le cauchemar*; *On the nightmare*; *Papers on psycho-analysis*; *Psicanálise da religião crista*; *Psicoanálisis y sexualidad femenina*; *Psicoanálisis y sexualidad femenina*; *Psychanalyse folklore religion*; *Que é a psicanálise?*; *Qué es el psicoanálisis*; *Selected papers of Karl Abraham*; *Sex in psychoanalysis*; *Sociedad, cultura y psicoanálisis de hoy*; *The life and work of Sigmund Freud*; *Théorie et pratique de la psychanalyse*; *Therapie der neurosen*; *Traité théorique et pratique de la psychanalyse*; *Vida e obra de Sigmund Freud*; *Vida y obra de Sigmund Freud*; *What is psychoanalysis?*

*Psycho-Analysis* (1952), conhecido por nós desde 1969 como *Progressos da Psicanálise*, que tem o prefácio redigido por Ernest Jones e conta com 82 exemplares distribuídos entre os acervos consultados. Os dados permitem inferir, a priori, duas premissas: uma mais geral, da confirmação de que Ernest Jones pôde se instalar em espaços institucionalizados brasileiros diferentes das sociedades de psicanálise; e uma mais localizada, de que o psicanalista galês circula em espaços universitários, em especial nos acervos da UFBA, UNB, UFMG, UFRJ, UERJ, UFF, USP, UNICAMP, UNESP, FATEC, UFRGS.

Antes de nos atentarmos a análise do consumo do psicanalista galês, iremos apresentar os dados referentes a Raymond Williams. Quando nos questionamos na seção anterior sob qual panorama o intelectual galês circula no Brasil, desde 1969, data da sua primeira obra traduzida e intitulada *Cultura e Sociedade*, até 2016, data do último livro do autor publicado no vernáculo e intitulado *Televisão*, temos a referência empírica que tal circulação esteve associada ao espaço universitário brasileiro. Todavia, ao contrário de Ernest Jones, para o mapeamento do consumo de livros e obras de Raymond Williams em universidades, nos utilizaremos de dados previamente selecionados para uma pesquisa anterior, preocupada em contextualizar a presença do livro *O campo e a cidade* no Brasil (MALANDRIN, 2021, p. 25), aquilatando-os para compreender o mesmo recorte temporal adotado para Jones.

Referente a presença de Williams nos espaços universitários brasileiros, temos os seguintes indícios da presença de obras:

Quadro 02: Distribuição regional de exemplares das produções de Raymond Williams em acervos de Universidades Federais e Estaduais brasileiras (2022).

Região	Acervos consultados	Contém Williams	Número de Exemplares
Sudeste	31	25	997
Sul	20	17	344
Centro-Oeste	12	7	203
Norte	15	11	170
Nordeste	33	24	523

**Fonte:** Produzido pelo autor.

O quadro acima nos informa que, dentre os mesmos 111 acervos e bibliotecas consultadas previamente, a produção de Raymond Williams encontra-se distribuída em 84 desses, correspondendo a 75% de assiduidade nas bibliotecas consultadas. A

longo do mapeamento, foram identificados 2237 exemplares e 75 títulos<sup>8</sup>, que podemos organizar entre romances autorais, estudos culturais, e participações do autor em títulos de terceiros. Referente aos livros que não se enquadram como romances ou a participação em outras produções, pudemos identificar 2195 exemplares (MALANDRIN, 2021, p. 25), com destaque para os títulos *Cultura*, com 594 exemplares mapeados, *O Campo e a Cidade*, totalizando 569 exemplares, e *Cultura e Sociedade*, o terceiro livro mais presente, possuindo 261 exemplares. Os dados apontam que no espaço universitário brasileiro Williams é um autor bastante consumido, em especial pela presença massiva nos acervos da UFMG, UFRJ, UERJ, UNICAMP, USP, UNESP, UEM, UFPR, UFG, UFMT, UFMS, UFAM, UFMA, UFC, UFS, reforçando o argumento apresentado anteriormente, sobre o esforço em inserir a produção do autor galês no cenário universitário nacional.

Nosso ponto de inflexão sobre a formação de um público leitor brasileiro dos intelectuais galeses Ernest Jones e Raymond Williams reside, para além dos dados encontrados, na teoria de que ambos os autores apresentam similaridades em seus respectivos processos de recepção que não podem ser desconsiderados em nossa análise. Ambos os autores têm presença confirmada e expressiva na UFMG, UFRJ, UERJ, USP, UNICAMP, UNESP, todas universidades presentes dentro do Sudeste e, com exceção da UFMG, dentro do recorte geográfico que localiza o envolvimento e a recepção de Jones e Williams em instituições paulistas e cariocas.

Recuperando sumariamente as informações introduzidas ao longo do texto, sabemos que as trajetórias dos autores fornecem os primeiros vestígios para alcançar os indícios da presença de seus leitores em espaços acadêmicos. Resguardados dessa informação, procuramos catalogar numericamente a presença de livros e obras dos autores nos referidos espaços, de modo que os dados referencias encontrados verificaram a assiduidade de Jones e Williams em universidades brasileiras por meio do número expressivo de exemplares mapeados. Temos *A vida e obra de Sigmund Freud e Hamlet e o complexo de Édipo* como os títulos autorais de Ernest Jones mais presentes nos acervos consultados, e, quanto a Raymond Williams, encontramos *Cultura e O Campo e a Cidade* como os títulos mais frequentes. Explicitamente, os livros identificados de Jones e Williams são, respectivamente, referências para a literatura psicanalítica e para os estudos culturais, mas, para além disso, podemos estabelecer determinados paralelos entre os títulos responsáveis por inserir os autores em novos alicerces intelectuais para além do eixo europeu.

---

<sup>8</sup> *O Povo das Montranhas Negras; O Campo e Cidade; El Campo y la Ciudad; Communications; The Country and the city; Cultura; Cultura e Materialismo; Cultura e Sociedade; Culture and Society; Culture and Materialism; Drama em Cena; Historia de la comunicación; Keywords; The Long Revolution; Marxism and Literature; Marxismo e Literatura; Los Medios de comunicación social; Palavras-chave; Pelican Book of English Prose; La Política del Modernismo; Política do Modernismo; A Política e as Letras; Politics of the Modernism; Preface to film; Problems in Materialism and Culture; A Produção Social da Escrita; Recursos da Esperança; Resources of Hope; Sociologia de la Cultura; Socioly of Culture; Televisão; Television; Television; Tragédia Moderna; What I come to say*

A presença massiva de *A vida e obra de Sigmund Freud e Hamlet e o complexo de Édipo* revela uma forte indício da leitura da produção de Jones no cenário acadêmico brasileiro em função de sua posição como biógrafo de Freud e como precursor do campo da história da psicanálise, sendo Jones o “artesão dessa empreitada historiográfica” ao consolidar a posição da escola inglesa no mundo através da presença de impressos, em contrapartida a escola norte-americana, reforçada no Brasil desde 1933 pela chegada dos imigrantes europeus – sobretudo vienenses (ROUDINESCO, 2006. pp. 08-09). Para além disso, *Hamlet and Oedipus* ressoa diretamente com a proposta de recepção do pensamento freudiano e da obra de Jones proposta por Franco da Rocha (1920), ainda em 1919, ao se utilizar dessas referências para construir uma análise social e psicanalítica dos impulsos individuais em diferentes formas de expressão artística brasileiras, possibilitando a criação de uma conexão Inglaterra-Brasil para o pensamento do psicanalista galês e para a formação de um público brasileiro interessado nessa temática.

Do mesmo modo, *Cultura e Sociedade* e *O Campo e a Cidade* são livros capitais de Williams, em que o indicativo de um público leitor interessado nessas obras reforça a proposta do movimento iniciado por Anísio Teixeira em inserir o crítico galês no Brasil para ser operado enquanto uma referência para o debate em torno do binômio sociedade e cultura, proposta essa, que nos termos de Cevasco (2001, p. 50), corresponde ao emprego da crítica cultural de Raymond Williams enquanto “um modo de compreender e aferir a organização da vida”. Em tom análogo, *O Campo e a Cidade* está situado no interior do processo instaurado pela parceria entre Anísio Teixeira e a Companhia Editora Nacional, através de uma tradição editorial preocupada em aquilatar o repertório das humanidades do país, fato este que, tendo em vista o número de exemplares encontrados, atesta, ao mesmo tempo, a validade do processo editorial voltado a verter Williams para Brasil e a eventual presença de um público leitor dessa obra.

## Considerações finais

Num arco temporal que tem início em 1920, com o retorno de Ernest Jones para a Inglaterra – e com a participação deste na organização de diferentes instituições psicanalíticas britânicas –, e que se estende até o momento da organização dos dados para este estudo, os nomes do psicanalista galês e de Raymond Williams vieram a ser decisivos em diferentes países em função da circulação transatlântica de impressos, passando a compor diferentes acervos de instituições universitárias e psicanalíticas em função de suas obras, respectivamente, sobre psicanálise e cultura. Procuramos apresentar uma análise da recepção desses autores e da formação de um público leitor a partir de dados de consumo das obras desses autores galeses em espaços universitários, levando aquilo que chamamos de um público leitor de autores galeses no Brasil.

Mapear os indícios da presença de um público leitor de Ernest Jones e Raymond Williams no Brasil remete também a compreender o processo de recepção de dois

autores galeses de diferentes campos do conhecimento que se encontrarem dentro de acervos bibliográficos brasileiros. No Brasil, esse processo remonta a figura de Anísio Teixeira e seu interesse inicial em formar uma intelectualidade brasileira pautada nas obras de Williams e depois Maria Elisa Cevasco, com a inserção do autor em diferentes bibliotecas universitárias de norte a sul do país. Quanto a Jones, este processo foi iniciado por Franco da Rocha e pelos membros da Sociedade de São Paulo, como Durval Marcondes.

Como comentado, este estudo não se trata de uma pesquisa comparada entre intelectuais galeses, mas sobre a recepção do pensamento de Ernest Jones e Raymond Williams e a localização de seus impressos em meio aos locais da intelectualidade brasileira, nos fornecendo vestígios para o exame da formação de um público leitor desses autores. Dito isso, os dados apresentados evidenciam que Jones e Williams, por meio de suas obras originais e de diferentes traduções, vieram a compor acervos bibliográficos em diferentes universidades brasileiras. Indicamos isso tendo em vista como a história de Jones e suas obras perpassa o momento em que a psicanálise está se formando no Brasil, do mesmo modo que as obras de Williams coincidem com um momento em que os estudos de cultura brasileiros estão ganhando os contornos similares aqueles encontrados nos estudos culturais britânicos.

## Bibliografia Consultada

A Brief History of New Left Review 1960–2010. *New Left Review*, 2021 Disponível em: <<https://newleftreview.org/pages/history>> Acesso em: 20 jun. 2022.

ABREU, Márcia; MOLLIER, Jean-Yves. “Circulação Transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX”. In: ABREU, M. (org). *Romances em movimentos: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BURTON, Eleanor. *Ernest Jones*. Institute of Psychoanalysis: British Psychoanalytical Society, 2015. Disponível em <https://psychoanalysis.org.uk/our-authors-and-theorists/ernest-jones>> Acesso em: 24 jan. 2023.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CEVASCO, Maria Elisa. *As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais*. 2ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FRANCO DA ROCHA, Francisco. *O pansexualismo na doutrina de Freud*. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild & Cia, 1920.

GLASER, André Luiz. *Materialismo cultural*. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,



Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.8.2008.tde-03082009-151710. Acesso em: 2023-03-02

HAUDENSCHILD, Teresa Rocha Leite. Modernismo, mulher e psicanálise: Adelheid Koch, Virgínia Bicudo, Lygia Amaral e Judith Andreucci: pioneiras da psicanálise em São Paulo. *Ide* (São Paulo), São Paulo, v. 38, n. 60, p. 215-235, dez. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062015000200018&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062015000200018&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 29 jan. 2023.

KRACAUER, Siegfried. *O Ornamento da Massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MALANDRIN, Hiago Vaccaro. *Sobre Raymond Williams e a perspectiva de natureza: a circulação transatlântica de O Campo e a Cidade no Brasil (1989-2019)*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2021.

MOKREJS, Elisabete. *A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 1992

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu (1800-1900)*. São Paulo: Editora Boitempo. 2003.

NETO, Fuad Kyrillos. O conflito entre psicanalistas e sua ocasional falência da queda fálica. *Tempo Psicanal*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, p. 64-80, jul. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010148382014000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382014000100006&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 25 jan. 2023.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. *História da psicanálise: São Paulo 1920-1969*. São Paulo: Editora Escuta/Fapesp. 2007.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Leitores de Tinta e Papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário*. Campinas: Mercado de Letras, 2017

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. 42º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 2018. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt23-24/11308-linhagens-interpretativas-e-cesuras-epistemologicas-no-pensamento-social-brasileiro-sobre-raymond-williams/file>> Acesso em: 26 jan. 2023.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SCHETTINI, Lycia. *Ernest Jones*. Federação Brasileira de Psicanálise. Disponível em: <<https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/ernest-jones/>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

WILLIAMS, Raymond. *Television: technology and cultural form*. Hanover: University Press of New England, 1992.

**Resumo:**

O artigo analisa as condições para formação de uma comunidade de leitores organizada em torno de obras de intelectuais galeses dentro do cenário acadêmico nacional, tendo como referencial a produção dos autores Ernest Jones (1879-1958) e Raymond Williams (1921-1988) no Brasil. Após a introdução das trajetórias pessoais que localizam Jones e Williams para além de seus respectivos centros europeus de criação, o texto partirá para a identificação das personalidades brasileiras responsáveis pela recepção desses dois autores no país, culminando na organização de acervos para suas obras. Será apresentado também um mapeamento da presença dos livros de Jones e Williams em acervos de universidades brasileiras como indicativo da presença do público leitor supracitado no interior desses espaços.

**Palavras-chave:** Ernest Jones; Raymond Williams; Público leitor; Circulação de impressos; História dos intelectuais.

**Abstract:**

The article analyzes the conditions for the formation of a community of readers organized around the works of Welsh intellectuals within the national academic scene, having as a reference the production of the authors Ernest Jones (1879-1958) and Raymond Williams (1921-1988) in Brazil. After introducing the personal trajectories that place Jones and Williams beyond their respective European centers of creation, the text will proceed to identify the Brazilian personalities responsible for the reception of these two authors in the country, culminating in the organization of collections for their works. A mapping of the presence of Jones and Williams books in collections of Brazilian universities will be presented as an indication of the presence of the aforementioned reading public within these spaces.

**Keywords:** Ernest Jones; Raymond Williams; Readership; Circulation of prints; History of intellectuals.

Recebido para publicação em 14/10/2022

Aceito em 06/02/2023

 **ACESSO ABERTO**

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

